

Artigo recebido em:
01.11.2019
Aprovado em:
20.04.2020

Eloísa Joseane da Cunha
Klein

Professora de jornalismo da Universidade Federal do Pampa. Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Jornalista graduada pela Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul.

E-mail: eloisa_klein@yahoo.com.br

Lídia Raquel Maia

Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Graduada em Comunicação Social Publicidade e Propaganda pelo Instituto de Educação Superior da Paraíba.

E-mail: lidiarhmaia@outlook.com

Reconfiguração do tempo da audiência na circulação de programa de rádio em mídias sociais

Eloísa Joseane da Cunha Klein
Lídia Raquel Maia

Resumo

Este artigo analisa como a imediatez característica do rádio migra para as lógicas instantâneas e efêmeras das mídias sociais, que assumem, em boa medida, o espalhamento informativo do próprio jornalismo. Para tanto, analisamos o caso da reverberação instantânea do comentário sexista do locutor de rádio e apresentador de TV Gustavo Negreiros contra a ativista ambiental Greta Thunberg, através de postagens públicas no *Facebook* e de mensagens em grupos privados do *Whatsapp*. O comentário sexista foi respondido com uma onda de mobilização em mídias sociais, repercutindo na retirada de patrocinadores do programa de rádio e consequente afastamento do locutor. Observa-se a alteração do tempo da audiência, que tensiona para uma reacomodação das lógicas do jornalismo no rádio, tendo em conta a ascensão de fluxos informativos da ordem da circulação, que redefinem o efêmero, o interesse público e o atual.

Palavras-chave: Rádio. Circulação. Mídias Sociais.

Reconfiguration of audience time in the circulation of radio programs on social media

Abstract

This article analyzes how the immediacy that is characteristic of radio migrates to the instantaneous and ephemeral logics of social media, which assume the spread of information derived from journalism. To this end, we analyzed the case of the instantaneous reverberation of the sexist comment by radio announcer and TV host Gustavo Negreiros against environmental activist Greta Thunberg – through public posts on *Facebook* and messages in private *Whatsapp* groups. The sexist comment was responded by the public with a wave of mobilization on social media, causing the withdrawal of sponsors from the radio program and consequent removal of the host. There is a change in the audience's time, which tends towards a re-accommodation of the logic of journalism on the radio, given the rise of information flows within the scope of circulation, which redefine the ephemeral, the public interest and the current.

Key words: Radio. Circulation. Social media.

As transmissões ao vivo e a impossibilidade de se gravar toda a programação de rádios e emissoras de TV historicamente fizeram com que a estas mídias fossem associadas noções de confirmação do real e autenticidade (LEAL, 2009), entre o público, e noções de imediatez (FRANCISCATO, 2004) e efemeridade dentre as lógicas produtivas. Estas capacidades são trazidas para a circulação social de informações em mídias sociais, possibilitando um tensionamento às formas de atuação e tipos de noções sociais relacionadas a outras mídias. O efêmero (KANNENBERG, SOUSA, 2017; KLEIN, 2018) se torna uma marca da passagem de conteúdos em mídias digitais. Toma emprestado de outros campos midiáticos a estética do fluxo contínuo e do ao vivo como autenticação do real (SERELLE, 2009). E estes valores acabam por tensionar o que é produzido em rádios e emissoras de TV, que não mais detêm o poder de organização do fluxo e de mediação do contato com a “transparência” do real.

Este artigo analisa o tensionamento do rádio pelo circuito efêmero e problematizador constituído em torno do caso da reverberação do extrato de um programa de rádio em mídias sociais e aplicativos de mensagens, especialmente o *WhatsApp*, com perspectiva crítica e de mobilização. O programa em questão trata da fala sexista de um locutor contra a ativista ambiental Greta Thunberg, cujo discurso circulou pelo mundo e rendeu coberturas jornalísticas sobre a vida da adolescente. A ofensa do locutor brasileiro na rádio foi imediatamente dissipada por mensagens em mídias sociais e aplicativos de mensagens, criando um efeito de crítica e mobilização social. Os patrocinadores saíram do programa, o locutor foi afastado, o enquadramento midiático foi problematizado. Mas assim como este acontecimento passou a circular na mídia, ele foi interrompido tão logo o assunto foi dado como resolvido e já se cogitava a recolocação do locutor na rádio.

Para efetuar a análise, consideramos conteúdos compartilhados no *YouTube* (os vídeos da transmissão radiofônica), em grupos de *WhatsApp* dos quais participam as autoras, postagens de pessoas comuns e de entidades no Facebook e publicações jornalísticas acerca do assunto. Realizamos também uma pesquisa qualitativa, fazendo uso do método abdução (FERREIRA, 2012) para coletar indícios, nos espaços sociotécnicos mencionados, que articulados, nos permitissem a formulação de inferências para a constituição do caso em questão. A coleta se deu, entre os dias 01 a 10 de outubro de 2019, uma semana após o acontecimento analisado. A observação das falas no *WhatsApp* e *Facebook* deve-se ao fato de serem as mídias sociais mais utilizadas pelos brasileiros¹.

Correntemente, há uma expressiva participação das mídias sociais no consumo de informações e conteúdos midiáticos pelos brasileiros (HOOTSUIT, 2019). A capacidade de aglutinação de público vem sendo utilizada por mídias comerciais tradicionais, não nativas da internet. As emissoras de rádio passaram, gradativamente, a transmitir parcialmente suas programações em páginas do *Facebook*, que permitem que usuários selecionem a opção de seguir conteúdos postados, de forma que haja remissão no chamado *feed* de notícias, como também notificações instantâneas durante a entrada ao vivo. O *Facebook* gerencia tal participação como parte de seu modelo de negócio, inclusive ampliando as ferramentas disponíveis para utilização por emissoras de rádio (SOM S.A., 2019).

O ao vivo em mídias sociais, entretanto, não é o ao vivo de emissoras de TV e rádio. Ao contrário da marcação do agendamento, mediação, organização e fluxo empresarial dada pelas mídias comerciais para o ao vivo em suas programações, na mídia social é a efemeridade e a transitoriedade dos conteúdos que demarcam as lógicas do ao vivo.

As perspectivas de circulação social do caso da fala sexista contra a ativista Greta Thunberg apontam para a incidência do efêmero das ações em mídias sociais sobre as realizações midiáticas em outros dispositivos. O tempo, que historicamente é tomado com ênfase no trabalho do rádio, aparece como um efêmero fugaz, com lógicas externas ao aparato midiático, mas que são reapropriadas e acomodadas pelo setor empresarial.

¹O índice foi tomado da pesquisa “Digital in 2019”, conduzido por We Are Digital and Hootsuite, apontando para 66% dos 211 milhões de brasileiros como usuários de mídias sociais, entre os 70% de pessoas com acesso à internet. Dentre os usuários de mídias sociais, 61% efetuam seus acessos através de smartphones. Dos 140 milhões de brasileiros usuários de mídias sociais, 95% usam o Youtube, 90% usam o Facebook e 86% usam o WhatsApp (COSTA, 2019).

Circulação e resposta social

Os estudos da circulação (BRAGA, 2012; FAUSTO NETO, 2010; FERREIRA, 2013) são aqui acionados para o exame das reconfigurações do rádio, enquanto meio de comunicação inserido no contexto de convergência midiática, e do sistema de resposta social criado em torno do caso da fala sexista do locutor Gustavo Negreiros contra a ativista ambiental Greta Thunberg.

Fausto Neto (2010) analisa uma passagem da “sociedade dos meios” para a “sociedade da midiatização”. Nesse novo contexto de sociedade midiatizada, as mídias deixam de ser apenas “pontes” de contato entre campos sociais e a sociedade, para tornarem-se ambiência que possui relevância direta na constituição do tecido social como um todo. As reformulações sociotecnológicas permitem a disseminação de novos protocolos técnicos e o manejo da tecnologia envolvendo produção, circulação e recepção de discursos.

Durante o predomínio da comunicação de massa e sua centralidade na mediação da comunicação social, a circulação era entendida como um elemento invisível no processo de comunicação, mero intervalo entre dois polos, produção e recepção. Por conta disso, pesquisas de efeito tinham amplo alcance e propunham como problemática a ideia de que havia uma situação de equilíbrio, que garantiria “confiável previsibilidade entre as intenções motivantes de emissores e a confirmação das suas expectativas emissoras, por parte do receptor” (FAUSTO NETO, 2010, p. 3). Nesse contexto, a circulação seria uma mera zona de passagem automática dos discursos. Mas mesmo pesquisas de efeito já eram capazes de “revelar descompassos entre as intenções das emissões e os processos receptores” (MAIA, 2017, p. 7). Jesus Martín-Barbero (1997) analisa que, nas relações entre sociedade e proposições midiáticas se destacavam as mediações proporcionadas pela inserção cultural do receptor, que fazia apropriações de acordo com seu “lugar” na estrutura social em que estava inserido. Com a ideia de mediação, estava posto o entendimento de que a recepção existe e como sujeito ativo.

Através de dinâmicas interacionais diversificadas, Braga (2006) entende que se coloca em funcionamento um sistema de resposta social aos conteúdos e processos midiáticos hegemônicos. Na sociedade permeada por interações midiatizadas, a recepção age, põe em evidência certos assuntos, produz *remixagens* de conteúdos e faz seguir adiante o que recebe através de estratégias variadas que vão desde a divulgação, feita pelos receptores, “do próprio produto a outros usuários (modificado ou não); à elaboração de comentários (...), análises, polêmicas – em processo agonístico; (...) incluindo-se aí, naturalmente a circulação que se manifesta nas redes sociais” (BRAGA, 2012, p. 39-40).

Nesta perspectiva, a circulação é percebida como um espaço de indeterminação, onde os discursos transitam em fluxo contínuo e difuso. Nesse contexto, a circulação transforma-se numa “zona de contato”, num “lugar no qual produtores e receptores se encontram em jogos complexos de oferta e reconhecimento” (FAUSTO NETO, 2010, p. 11). Na ambiência da midiatização, o sujeito é instado a fazer parte da cena produtiva midiática. A partir do desenvolvimento de espaços interacionais sociotécnicos, o sujeito muda seu status e suas relações com os nichos em produção. Nesse contexto de participação mais ativa do receptor nos circuitos de produção em dispositivos midiáticos, vê-se a atuação de uma “recepção produtiva”, que atua “em processos intermediários (entre dispositivos) e intramediáticos (no âmbito do dispositivo)” (FERREIRA, 2013, p. 144).

O tempo da audiência se torna o tempo contínuo, dado o predomínio da circulação como fluxo. A emissão de rádio incorpora aspectos da ação dos espectadores, ao migrar para ambientes digitais em que predominam relações diretas e contato. Ao fazer isso, a circulação toma para si elementos da condução acidental do trabalho efetuado na instância do rádio. No caso em análise, a circulação passa a conduzir a dinâmica da repercussão da fala sexista contra a ativista Greta Thunberg, em circuitos que saem do dispositivo radiofônico (pela articulação em mídias sociais) para a este voltar, como pressão social organizada.

Fluxo, ao vivo e efemeridade

A intensa circulação comunicacional, dinamizada pelos processos interacionais ao redor das mídias digitais, altera também a noção de fluxo. A característica do fluxo de conteúdos que marca o rito da programação televisiva (WILLIAMS, 1979) aspira uma organização, atribuindo desde o papel agenciador dos mercados, até a participação dos anunciantes e fragmentação discursiva dos programas (GOMES, 2011), afetando a mediação jornalística das informações, a produção de efeitos de real e de autenticidade por transmissões ao vivo. Assim, o fluxo garante um status de organização do mundo e, por conseguinte, da própria rotina do espectador.

No rádio, a ênfase ao vivo conduz a própria condição de existência desta mídia. Há um “condicionamento ao instantâneo”, como analisa Ortriwano (1998, *online*), uma “fugacidade da mensagem”. Com isso, há a recorrência a “imagens mentais”, criadas “de acordo com as informações anteriores disponíveis por cada indivíduo e sua formação cultural”. Tais imagens mentais não são formadas em bloco, mas a partir das vivências e, também por uma teia de informações agregadas cotidianamente pelas pessoas. Mesmo superstições, dogmas, credences ou compreensão científica participam de tais imagens mentais. Elas atuam conjuntamente na interpretação das notícias, dada a fugacidade e instantaneidade em que são trabalhadas pela rádio.

Reis (2011, *online*) analisa a ocorrência de uma “reconfiguração da temporalidade da rádio na era da Internet”. A autora entende que antes da popularização da internet, predominava uma noção de “tempo único”, que foi cedendo espaço a “múltiplos tempos”. Há uma “profusão de horários, tendencialmente tantos quantos os ciberouvintes e os seus estados de alma” (*idem*). Esta transformação atenua a possível dispersão e perda de conteúdo que eventualmente resultariam da instantaneidade característica do rádio – e analisada por Ortriwano (1998, *online*). A repetição, também, acontece com potencial visual, estendendo a dimensão crítica do acionamento das imagens mentais.

A emissão em tempo real e a sonoridade, que são as características mais marcantes na construção da especificidade do rádio (MEDITSCH, 2001; CUNHA, 2004), são tensionadas quando este meio passa a operar também na ambiência digital, articulando-se como pontos em rede, formando conexões com atores sociais. Com isso, “o tempo de recepção não é mais o estabelecido pelos tradicionais produtores da informação, mas é construído pela audiência individualmente, de maneira personalizada” (CUNHA, 2004, p. 18). Novos sentidos são agora atribuídos ao formato - que passa a contar não apenas com som, mas também textos, vídeos, hiperlinks, comentários dos ouvintes. Na emissão do rádio via internet, impera não mais o tempo linear da linguagem do áudio, mas o tempo do ouvinte, que escolhe quando quer ouvir (e, às vezes, ver) os programas radiofônicos e lhes atribui novos sentidos ao debater os conteúdos com outros e ao colocar em circulação os excertos que lhe interessam.

Bonixe (2010, p. 333) comenta que o “rádio especializou-se no direto informativo e na atualização das notícias. É em função disso que guia o cotidiano dos indivíduos sublinhando o seu carácter utilitário”, ao frisar a transmissão ao vivo dos acontecimentos, “diretamente do local em que estão ocorrendo” (CUNHA, 2004, p. 18). A capacidade de agendamento da vida cotidiana cada vez mais é enfraquecida diante das possibilidades de consumo *on demand* oferecidas pela internet. Além disso, o carácter local do rádio também pode ser objeto de discussão, ao se levar em conta sua mirada para eventos internacionais e a possibilidade de que os discursos radiofônicos adquiram alcance global, como aconteceu no caso do programa *96 Minutos* da rádio FM de Natal (RN), em função da fala sexista contra Greta Thunberg.

As características de acessibilidade (para consultar materiais digitais em qualquer hora e lugar) e permanência (após a emissão, os materiais são reapropriados pelos sujeitos, que os fazem circular) são os dois mais importantes aspectos que fazem da internet um espaço propício para a formação de esferas públicas (SHIRKY, 2011). Tais dimensões reconfiguram aspectos fundamentais para a caracterização do meio rádio, ancorado historicamente em carácter local, instantâneo e efêmero.

As lógicas de efemeridade atravessam vários aspectos da vida contemporânea e têm a ver com as “oscilações rápidas”, ausência de “conteúdo próprio; forma específica da mudança social”, como Lipovetsky (2009, p. 25-26) observa em sua análise da moda como uma espécie de “império do efêmero”, que “não está ligada a um objeto determinado, mas é, em primeiro lugar, um dispositivo social caracterizado por uma temporalidade particularmente breve”. Lipovetsky (2009) propõe a reflexão sobre o efêmero em relação à moda, mas tal conceitualização pode ser apropriada para tensionar a vivência de outros domínios do cotidiano, como a circulação de conteúdos em mídias sociais. Nestes contextos, igualmente se observam “reviravoltas mais ou menos fantasiosas, podendo, por isso, afetar esferas muito diversas da vida coletiva” (LIPOVETZKY, 2009, p. 26).

Observa-se que a aparente contradição entre a possibilidade de preservação dos conteúdos a partir de mecanismos de arquivamento, apropriação e compartilhamento de mensagens e sua transitoriedade ou fluidez na constituição de circuitos comunicativos pode ser reflexionada a partir da noção de efemeridade. O efêmero, de temporalidade breve, é também espaço de reviravoltas, promove relações instantâneas, baseadas na aproximação e afeto – e tensiona espaços midiáticos que se pautavam na noção do ao vivo como parte da configuração da transparência do real.

Síntese do programa de rádio

Em 23 de setembro, a sueca Greta Thunberg, que se tornou símbolo do ativismo ambiental no mundo, discursou para chefes de Estado e representantes na ONU. Em sua fala, a ativista discorreu sobre o fato de jovens como ela terem que se preocupar com questões sobre o mundo, quando os líderes políticos não tomam medidas efetivas para evitar a destruição do meio ambiente e as catástrofes climáticas (G1, 2019). Greta se emocionou e, embora chorar seja uma ação comum nesta fase da adolescência, sua emoção foi sistematicamente tratada por um viés clínico (BATTAGLIA, 2019), com enquadramentos que passaram a dar ênfase ao fato de ela ter a síndrome de ASPERG, ou uma forma de autismo leve, como se passou a chamar esta condição no século XXI. Algumas vezes, esta menção foi feita para tomá-la como louca ou incapaz.

A circulação de enquadramentos negativos da ativista não ocorreu unicamente por usuários. Até o presidente dos Estados Unidos escolheu fazer ataques pessoais à ativista (HANCOCK, 2019). No Brasil, o caso mais emblemático foi a fala de um locutor de rádio do Rio Grande do Norte sobre o discurso da ativista ambiental Greta Thunberg, em que a enquadrou de forma sexista, determinando que a ativista precisava de sexo, que era histérica, que o problema que ela percebe no mundo não existe, que ela deveria voltar para a Suécia e fumar um baseado. A fala acontece entrecortada pelas tentativas de interlocução de outra jornalista que se encontrava no estúdio, mas que pouco consegue falar, pois o locutor Gustavo Negreiros a interrompe o tempo todo, como se observa na transcrição literal do trecho do programa:

- Gustavo: Na ONU, uma preguiçosa que passou a trabalhar na (incompreensível), fazer uma grevezinha para ‘demonstrar O problema que o mundo ta vivendo’ [com ironia]. Aí, começou só ela. Aí passou a ser duas pessoas, três pessoas, oito pessoas e na sexta-feira, em 136 cidades do mundo tinha mais de quatro milhões de pessoas reunidas por causa desta histérica.
- Outra jornalista: Não é por causa da “histérica”.
- Gustavo: É por causa da histérica. Ela ali liderando. Ontem ela fez um discurso lá, nessa assembleia lá [sinal com a mão sinalizando um círculo, tom irônico], não essa da ONU, mas uma paralela que tá tendo, e aí o ‘mundo’ – o ‘mundo’ e os jornalistas, ‘jornalistas gosta [sic] de muita porcaria [forte tom irônico, mexendo com as mãos], eles adoraram a crise de histeria daquela moça. Ela só tá precisando, tá precisando de que? Tá precisando de um homem.
- Outra jornalista: Ela é uma adolescente de 16 anos, Gustavo.
- Gustavo: Você com 16 anos, você nunca tinha beijado, não?
- Outra jornalista: Não tem nada a ver, ela tá voltada...
- Gustavo: Tem, precisa, ela é nova.
- Outra jornalista: Gustavo, presta atenção, Gustavo (riso incrédulo), não tem a menor noção,

Gustavo [interrompida]

- Gustavo: Macho [interrompe constantemente a interlocutora]

- Outra jornalista: Você falar que o problema de uma adolescente que tem uma causa [interrompida]

- Gustavo: Macho ou uma fêmea

- Outra jornalista: em que ela tá envolvida [continua mesmo sendo interrompida]

- Gustavo: se ela também não gosta de homem que pega [sic] uma mulher, se ela for lésbica que pegue uma mulher. Ela tá precisando de sexo, de sexo (gesticulando com as mãos como a bater o punho no ar, de forma incisiva).

- Outra jornalista: Meu Deus, ela é uma adolescente, que sem noção.

- Gustavo: Ela é uma histérica, ela é uma histérica, uma mal amada.

- [voz de outro jornalista aparece]: não vamos levar aos extremos, né?

- Vamos, vamos, vamos pros [sic] extremos, sabe por quê? Qual o problema mundial que tá tendo? “Tem que ser agora, tem que ser agora!” (debochando, com largos gestos, mãos e braços bem abertos). Tem que ser agora o que, minha filha? Vai fumar seu baseadozinho de volta lá na Suécia, vá fumar sua maconha lá na Suécia.

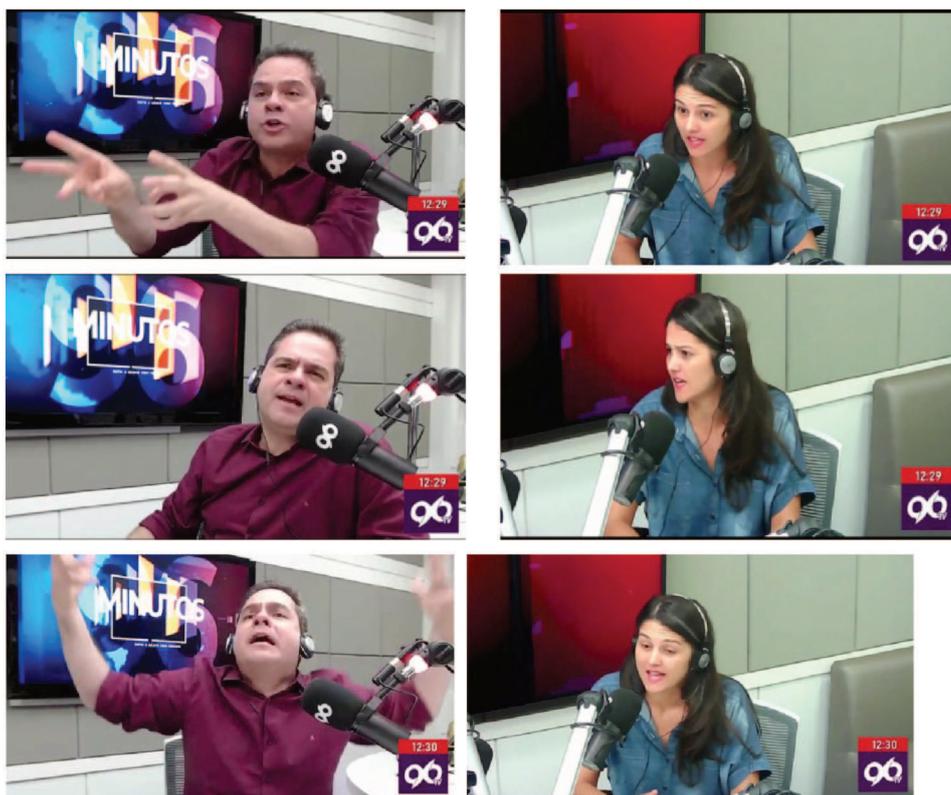
- outra jornalista [mulher novamente]- Ela foi indicada ao Nobel da paz... (interrompida)

- Gustavo: Problema de quem indicou, problema

- Outra jornalista: Os pais dela abdicaram do trabalho que eles tinham (fim do vídeo).

Diferente do que ocorre em um programa de rádio convencional, na transmissão ao vivo no Facebook o seguidor da página tem acesso aos aspectos visuais. Assim, é possível associar gestos, postura, movimento de boca ao tom de voz, intensidade da fala, dicção, erros, repetições, interrupções de um falante pelo outro. Na sequência abaixo, é possível ver o momento em que o locutor define que a ativista Greta precisa de “sexo”, a incredulidade da outra jornalista no estúdio, seguida da expressão irônica do locutor ao reforçar sua posição, sucedida de uma nova afirmação de incredulidade pela jornalista, que olha para o lado como que esperando alguém a questionar a postura de Negreiros (na sequência há uma breve intromissão de outra pessoa). Por fim, há um tom de deboche de Negreiros sobre a causa ambiental defendida por Greta, seguida da expressão didática da outra jornalista, que tenta situar as referências sobre a ativista.

Imagens 1-6 - captura de tela do vídeo contendo a transmissão do programa para o Facebook. A postagem original foi apagada pela emissora.



Fonte: Autores

Outro aspecto sobre a transmissão em mídias sociais é a reprodutibilidade instantânea. A fala, transmitida pela própria emissora em sua página de *Facebook* e site, foi copiada em processos de download e edição por usuários, que dissiparam o conteúdo em mídias sociais e grupos privados de Whatsapp e outros aplicativos de mensagens. Em pouco tempo, iniciou-se uma mobilização para que consumidores das marcas patrocinadoras fizessem telefonemas para exigir a suspensão do patrocínio.

²Manteremos a identidade dos participantes e o nome do grupo em sigilo, para a proteção dos indivíduos que dele fazem parte. Os autores dispõem de prints e arquivos das conversas originais para fins de comprovação da pesquisa realizada.

Circulação em mídias sociais

Apesar de termos tido acesso à circulação ocorrida em três grupos, iremos dedicar nossa atenção a um deles, devido à intensidade do debate². Neste grupo, houve 49 referências ao caso. Antes do caso do programa de Gustavo Negreiros, o grupo (que reúne pesquisadores, estudantes e jornalistas progressistas do RN) discutia pautas gerais sobre o governo nacional e impactos no Rio Grande do Norte, além das ações para barrar a alteração do plano diretor de Natal. Também se discutia a repercussão negativa do discurso presidencial no período, durante a Assembleia das Nações Unidas, contrastando com a fala eloquente, embora emocionada, da ativista Greta.

O caso do programa de Gustavo Negreiros aparece pela primeira vez já com o compartilhamento de todo o trecho do programa *96 Minutos*, em que acontece a fala sexista contra a ativista sueca. Este vídeo é acompanhado de uma síntese de quando o programa foi ao ar, sobre quem é Greta e como ela foi ofendida. Alguns membros do grupo inserem pautas correlatas, como a possível indicação de Greta ao Nobel da Paz, também apontado, por algumas pessoas do grupo, para o ex-presidente Lula. Uma das articuladoras do grupo chama a atenção de que o fato central é: “a menina tá sendo atacada!”. Outro participante comenta que o apresentador do programa deveria ser “aposentado por doença mental”. Outra pessoa é também taxativa: “a moça está sendo atacada por esse troglodita ignóbil!!! É preciso ter reações do jornalismo sério contra ele!!!”. Outra participante justifica que apenas lembrou que ela também é indicada ao Nobel da Paz e diz que o apresentador é “um idiota completo”, lembrando perfis de outros apresentadores e pessoas de mídia similares em termos de discursos sexistas.

Um participante diz que o apresentador precisava ser denunciado à rádio e deveria haver uma campanha de boicote à escuta da rádio, para mobilizar os patrões. Outro menciona que o apresentador não deveria ser chamado de “jornalista”. Uma participante compartilha um link de um blog que analisa que há uma confusão entre liberdade de expressão com “libertinagem e depois pedem desculpas”. Na mesma roda de discussões aparecem outros links, ainda sobre política nacional, mas o debate concentra-se no caso do apresentador ofendendo a ativista. Neste contexto, é compartilhada a lista de empresas que patrocinam o programa, com números de telefone para que pessoas liguem protestando. Outros participantes elogiam a iniciativa.

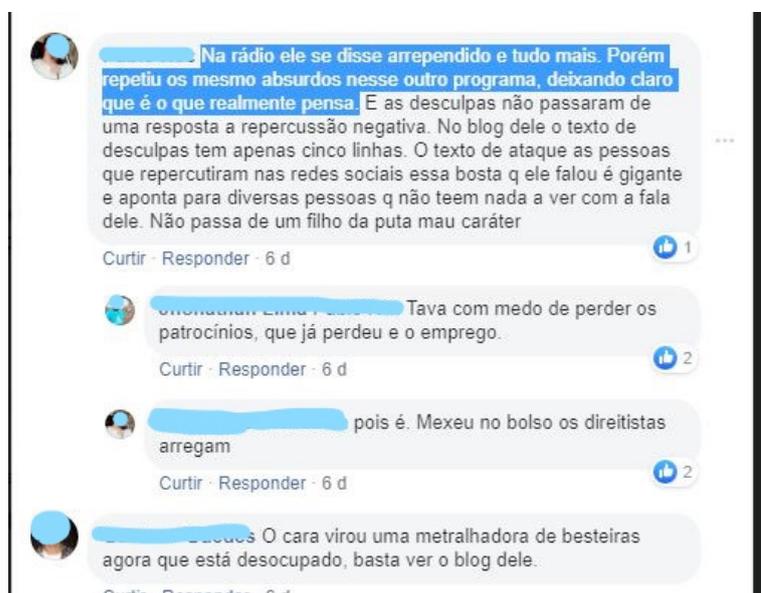
Uma pessoa comenta que seria importante acionar conselhos, entidades e Ministério Público, reforçando que havia denunciado ao Conselho Regional de Psicologia. A participante recebe a informação de que uma pessoa conhecida do grupo já havia entrado em contato com o MP. Começam a aparecer links e comentários informando que patrocinadores anunciavam o fim do patrocínio. Pessoas respondem às ações com imagem de palmas. Algumas mensagens são replicadas e seguem-se comentários incrédulos sobre como uma pessoa com tal discurso pode apresentar um programa. Membros de entidades de classe socializam “notas de repúdio” sobre o caso.

Após algumas horas, um participante jornalista socializa link informando que a empresa de comunicação já projetava afastar o apresentador. Às 20h do dia 25 de setembro é socializada a informação de que o apresentador havia sido demitido. Uma participante conclui: “quem teve estômago para ver o vídeo viu como foi deprimente o posicionamento dele”. Outro participante conclama: “não deixem esse caso morrer. Contribuam para que tenhamos uma sociedade civilizada”. Outra pessoa argumenta, associando a conclamação anterior com a notícia de um fórum pela democracia: “não vamos permitir que a volta dele aconteça”.

As postagens mudam gradativamente de foco. Um membro do grupo compartilha notícia do *El País* que tratava de Greta e mencionava o “tal jornalista natalense”. Outro link compartilhado trata da repercussão internacional das investidas contra Greta. Uma pessoa compartilha novamente o número de telefone dos patrocinadores e outro membro responde que o apresentador já foi demitido. Um participante retoma a discussão: “desculpem escrever em letras maiúsculas. Quero gritar mesmo. É MUITO GRAVE E NÃO PODE SER ENCERRADO SEM UMA PUNIÇÃO EXEMPLAR”. Porém, após mais alguns links compartilhados, o assunto não é mais discutido.

No *Facebook*, foram coletadas as primeiras 45 postagens que usavam o nome do apresentador do programa. Como a maioria dos usuários restringe as postagens para seus próprios públicos-alvo, a maior parte do conteúdo que acessamos foi compartilhada de modo público pelos usuários. Isso também determina que parte dos conteúdos observados tenha sido compartilhada por conhecidos das autoras. Em uma das postagens que fazem parte desta amostra, um usuário pede para que a pessoa deixe a postagem em modo público, o que é negado, para “não ser incomodado por robôs”.

Numa das postagens, um usuário analisa que o programa que foi intensamente espalhado pelo *Whatsapp* não foi a única atuação preconceituosa e ofensiva do apresentador: “no programa que comenta na *Record* em Natal, de propriedade de Agripino, Gustavo Negreiros também atacou a ativista sueca e ainda adicionou que ela seria ‘uma vagabundinha’”. A postagem é acompanhada de vídeo. Há 22 comentários, em que pessoas tiram dúvidas sobre se o apresentador de rádio também trabalhava na emissora de televisão, outro explica didaticamente como fazer *downloads* de vídeos do *Facebook* a partir de aplicativos, outros colam a imagem das notas de repúdio que também foram compartilhadas via *Whastapp*. Cada comentário adiciona uma perspectiva diferenciada. “Na rádio ele se disse arrependido e tudo mais. Porém repetiu os mesmos absurdos nesse outro programa, deixando claro que é o que realmente pensa. E as desculpas não passaram de uma resposta a repercussão negativa. No blog dele o texto de desculpas tem apenas cinco linhas. O texto de ataque as pessoas que repercutiram nas redes sociais essa bosta q ele falou é gigante e aponta para diversas pessoas q não teem nada a ver com a fala dele. Não passa de um filho da puta mau caráter”. “Tava com medo de perder os patrocínios, que já perdeu e o emprego.” “pois é. Mexeu no bolso os direitistas arregam”. “O cara virou uma metralhadora de besteiras agora que está desocupado, basta ver o blog dele.”



É importante notar que a repercussão em termos de curtidas é limitada, geralmente sendo inferior a 30 em perfis pessoais. Páginas de jornalismo independente variam o número, mas a maior parte mantém as curtidas em poucas centenas. A diferença expressiva é quando as postagens são oriundas de personagens políticos e midiáticos reconhecidos ou mídias comerciais.

Os perfis pessoais também compartilham postagens de grupos de midiatismo que não aparecem através da busca, como a postagem do coletivo Arretadas:

Na manhã do dia 24 dia de setembro, Gustavo Negreiros disse na TV Tropical a mesma fala, que repetiu mais tarde na 96 FM sobre a ativista Greta Thunberg. Em seu pedido de desculpas, ele alegou que fez a fala sem preparo ou estudo. MENTIRA. A fala foi preparada SIM e é tanto que a fez na tv e no rádio no mesmo dia.

Em uma postagem de um jornalista natalense, é possível encontrar uma nota de repúdio autônoma, assinada por jornalistas do Rio Grande do Norte. A postagem teve níveis ampliados de engajamento, com 359 curtidas, 145 comentários e 164 compartilhamentos. Nos comentários, vários jornalistas solicitam que o nome seja adicionado à lista, outros dão parabéns, com apenas um comentário destoando deste padrão, que dizia “atire a primeira pedra quem nunca errou”. Na busca aparecem igualmente as notas de repúdio de entidades, como a nota do Departamento de Comunicação da UFRN.

Assim como no *Whatsapp*, os comentários indignados e a mobilização vão dando lugar ao compartilhamento de notícias sobre o afastamento do apresentador do programa de rádio e o afastamento temporário da TV. Uma diferença oportuna de ser ressaltada é o fato de que, dada a ocorrência de páginas institucionais nesta mídia, aparece o pronunciamento da própria rádio: Gustavo Negreiros assume erro e pede desculpas no ar por comentário sobre Greta Thunberg. Com mais de duas mil reações, ocorre uma predominância de *emoticons* demonstrando raiva sobre a situação.

Entre os mais de 2.500 comentários, aqueles com maior número de reações destacam que não é possível ignorar as declarações apenas com pedidos de desculpas. “Você acha normal insinuar que uma menina de 16 anos que está lutando por um mundo melhor, um futuro mais digno, está precisando de SEXO? Que sexo é o problema dela? E o seu qual é?? Desculpas? Vida que segue? É sério isso?”. Há também um questionamento quanto à ideia de que havia se expressado mal e se arrependia. “Gente quem assistiu ao vídeo dele falando sabe que não foi um mal entendido, ele sabia muito bem do que estava falando, conhecia o assunto com propriedade aquela é a opinião real dele”.

Vários comentários parafraseiam um trecho da declaração do autor, posicionando-se com repúdio: “Vida que segue”? Vida que segue, não. Tem q pesar nesse assunto até que ele não exista mais. Toda oportunidades que tivermos de pontuar e condenar esse assunto, e o tipo de pessoa que diz isso, nos DEVEMOS condenar”.

Como costuma ser a prática de páginas associadas às mídias comerciais, com muitos seguidores, não há respostas pontuais aos questionamentos, ponderações e outras formas de comentários dos usuários. Assim, também, a emissora de rádio segue o fluxo regular de postagens nestas mídias, com a gradativa diluição do caso.

Considerações finais

A agregação das possibilidades de recuperação do conteúdo por usuários-ouvintes através da propagação das transmissões radiofônicas em ambientes digitais altera a lógica do que é o instantâneo, marca do tempo informativo da rádio. O instantâneo é recortado, fragmentado, o que faz com que partes de conteúdos se multipliquem e se diluam em ondas conversacionais alheias ao meio de origem, que o acionam de modo crítico e mobilizador. Se o ao vivo da rádio em transmissão, por ondas sonoras institui a temporalidade da audiência, coordenando a lógica informativa cotidiana, organizando as rotinas, no ao vivo acompanhado de streaming nas mídias digitais, a audiência adentra as possibilidades de perpetuação de uma emissão.

O tempo (quando acessa, por qual dispositivo, em qual lugar) e as lógicas de vida do usuário (suas possibilidades de acompanhar o conteúdo, repassar e conversar sobre ele) afetam o tempo e a lógica da transmissão original, que pode permanecer em um contínuo presente, pela constante repetição de um mesmo ponto da transmissão, então gravada, apropriada e ressignificada. A emissão no ambiente digital também é acompanhada por imagens, que igualmente atuam como agente replicador de conteúdo e autenticador da realidade (SERELLE, 2009).

Embora a intervenção dos usuários-ouvintes seja decisiva para a própria propagação do conteúdo jornalístico e determinante para alteração do sentido da temporalidade da emissão do rádio, esta intervenção tem um caráter também aleatório e condicionado por fatores incontroláveis até mesmo pelos atores sociais que ativam circuitos comunicacionais em fluxos contínuos. Não é possível antecipar qual conteúdo vai ser desapegado de seu contexto original para circular em ondas separadas, em propagação com índices de replicação, mutabilidade e permanência (SHIFMAN, 2015) suficiente para adquirir status de acontecimentalização – ou a ponto de estimular ciberacontecimentos (HENN, HOEHR, BERWANGER, 2012).

Este caráter aleatório da propagação em rede caracteriza parte da efemeridade da onda conversacional e da mobilização de usuários-ouvintes, como analisado no caso do comentário sexista contra uma menina ativista ambiental. O espalhamento aparece tendo em conta aspectos também emocionais (KLEIN, 2019), que proporcionam ação imediata, mas por vezes são também facilmente substituíveis. Isso faz com que as discussões calorosas sobre o enfrentamento aos anunciantes de um programa de radiojornalismo rapidamente deem lugar a um esvaziamento, após breve celebração do afastamento do locutor envolvido na fala sexista.

Referências

BATTAGLIA, Rafael. Quem é Greta Thunberg e o que ela representa. **Super Interessante**. Abril. Publicado em 11 dez 2019. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/sociedade/quem-e-greta-thunberg-e-o-que-ela-representa/>>. Acesso em: dez. 2019.

BONIXE, Luís. A rádio informativa portuguesa na Internet – o estado da arte. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 7, n. 2, p. 332-341, set. 2010. ISSN 1984-6924. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/13256>>. Acesso em: 4 out. 2019. Doi:<https://doi.org/10.5007/1984-6924.2010v7n2p332>.

BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta sua mídia**. São Paulo: Paulus, 2006.

BRAGA, José Luiz. Circuitos versos campos sociais. In: MATOS, Maria Ângela; JANOTTI JUNIOR, Jeder; JACKS, Nilda Aparecida. **Mediação e Mídiação**: Livro Compós 2012. Salvador/Brasília: UFBA/COMPÓS, 2012.

COSTA, Thaís. Quais são as mídias sociais mais usadas no Brasil em 2019? **Rockcontent**. Publicado em 20 de setembro de 2019. Disponível em: <<https://rockcontent.com/blog/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>>. Acesso em: dez. 2019.

CUNHA, Mágda. O tempo do radiojornalismo: a reflexão em um contexto digital. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 10-19, jan. 2004. ISSN 1984-6924. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2199/1843>>. Acesso em: 4 out. 2019. Doi: <https://doi.org/10.5007/%x>.

FAUSTO NETO, Antônio. A circulação além das bordas. **Mediatización, Sociedad y Sentido**: Diálogos Brasil y Argentina. Rosário: UNR, 2010.

FERREIRA, Jairo. O caso como referência do método: possibilidade de integração dialética do silogismo para pensar a pesquisa empírica em comunicação. **Intexto**, Porto Alegre, UFRGS, n. 27, p. 161-172, dez. 2012. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/intexto/article/viewFile/33802/23491>. Acesso em: dez. 2019.

FERREIRA, Jairo. Como a circulação direciona os dispositivos, indivíduos e instituições?. *In*: BRAGA, José Luiz; FERREIRA, Jairo; FAUSTO NETO, Antônio; GOMES, Pedro Gilberto (Org.). **Dez perguntas para a produção de conhecimento em comunicação**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2013.

G1. O discurso da jovem ativista Greta Thunberg na ONU em 5 pontos. **Portal G1**. Publicado em 23 set. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/natureza/noticia/2019/09/23/o-discurso-da-jovem-ativista-greta-thunberg-na-onu-em-5-pontos.ghtml>. Acesso em: dez. 2019.

HANCOCK, Jaime Rubio. Greta Thunberg se apropria do deboche de Trump e muda sua biografia no Twitter. **El País Brasil**. Publicado em 26 set. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/25/internacional/1569419293_197925.htm. Acesso em: dez. 2019.

HENN, Ronaldo; HÖEHR, Kellen Mendes; BERWANGER, Gabriela. Transformações do acontecimento nas redes sociais: das mobilizações contra à homofobia à crise de dupla sertaneja. **Brazilian Journalism Research**. v. 8, n. 1, 2012.

KANNENBERG, Vanessa; SOUSA, Maíra Evangelista. O fantasmagórico site de rede social: como o Snapchat está sendo apropriado para a circulação de conteúdo jornalístico. **Intercom** - RBCC São Paulo, v. 40, n. 3, p. 151-168, set. dez. 2017.

KLEIN, Eloisa Joseane da Cunha. Estratégias informativas e de mobilização a partir da página Caçadores de Notícia, de Ijuí/RS. **Anais do VII Colóquio Semiótica das Mídias**. v. 7, n. 1. Japaratinga, AL: UFAL, 2018.

LEAL, Bruno Souza. Telejornalismo e autenticação do real: estratégias, espaços e acontecimentos. *In*: GOMES, I. M. M (Org.). **Televisão e Realidade**. Salvador: Edufba, 2009.

MAIA, Lídia. A política dos eleitores no Facebook dos candidatos: processos interacionais online nas eleições presidenciais de 2014. *In*: **Anais do XXVI Encontro Anual da Compós**, São Paulo: Universidade Cásper Líbero, 6 a 9 de junho, de 2017.

MEDITSCH, Eduardo. O ensino do radiojornalismo em tempo de internet. *In*: DEL BIANCO, Nélia e MOREIRA, Sonia Virginia (Orgs.). **Desafios do rádio no século XXI**. São Paulo: Intercom; Rio de Janeiro: Uerj, 2001.

ORTRIWANO, Gisela S. Rádio: interatividade entre rosas e espinhos. **Novos Olhares**, São Paulo, ano 1, n. 2, p. 13-30, 2. sem. 1998.

REIS, Isabel. A reconfiguração da temporalidade da rádio na era da Internet. **Comunicação e Sociedade**, v. 20, p. 13-28, 2011.

SERELLE, Márcio. Metatevê: a mediação como realidade apreensível. **Matrizes**, v. 2, n. 2, 2009, p. 167-179. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2009.

SOM S.A. Facebook live audio. **SOM S.A. Creative audio for new media**. Disponível em: <https://somsa.com.br/facebook-live-audio-som-sa/>. Acesso em: dez. 2019.